UM LIVRO DESCONHECIDO SOBRE O BRASIL HOLANDÊS

(Especial para a Revista do Instituto do Ceará)

HENRIQUE GONZALEZ

Na Biblioteca Pública de João Pessoa, Paraíba do Norte, existe curioso livro, impresso em alemão.

O autor é O. Daper (1)

E' edição do livreiro e gravador Jacob van Meurs. Foi publicado em 1673.

Abre-o o retrato de Nassau.

Netscher em sua obra *Os holandeses no Brasil,* edição Brasiliana, (2) cita-o, para dizer simplesmente que é plágio do livro de *Arnaldus Montanus,* de 1671, publicado em holandês com o mesmo título.

Não fora o facto de conter preciosos informes do Brasil sob o domínio batavo, e mesmo de outras regiões em poder dos flamengos, não despertaria tanta curiosidade, máxime se tratando de obra escrita em alemão.

---

(1) Alfredo de Carvalho afirma que existem sómente as iniciais O. D., na *Revista do Inst. Arq. de Pernambuco* n.° 77, pág. 349, mas em seu livro *Biblioteca Exótica,* vol. 11 ps. 10|11 diz: O. Daper.

(2) Netscher — *Os holandeses no Brasil* — tradução de Mário Sette — á página 23 de seu livro afirma :

> "um dos mais notáveis plágios já perpetrados foi o dessa obra por um tal Daper, que publicou em 1673 em *Unbenkante Neuwelt* etc. Ele se arrogou de autor do trabalho, sem se confessar apenas tradutor. Daper é frequentemente citado como autoridade por escritores estrangeiros que sem dúvida ignoram essa circunstancia, tão pouco recomendável de um plágio.

Como o vemos, nem o próprio Netscher, que teve deante de si todo o arquivo holandês, conhece a edição francesa, pois se conhecesse não faria essa precipitada afirmativa.

As referências bibliográficas são muito vagas, as dispersas informações erradas, como até mesmo o nome dos autores a quem são atribuídas as edições, impossibilitando estudo seguro sobre o assunto, embora o tenham tentado estudiosos brasileiros, como: Vale Cabral, José Carlos Rodrigues e Alfredo de Carvalho. (3)

Conhece-o Alfredo Taunay, mestre da bibliografia no Brasil, citando a *Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco*, vasto e riquíssimo escrínio de jóias puras.

Foi no livro *Escritores coloniais*, de Taunay, que colhemos informações apreciáveis, o que nos facilitou recorrer á publicação mencionada.

O estudo é de Alfredo de Carvalho.

Não obstante a cultura invejável desse grande bibliófilo, a vastíssima livraria de sua propriedade, seu trabalho é inacessível, devido a referência a obras que não se podem consultar em face à pobreza das nossas mal organizadas bibliotecas.

Longe a pretensão tola, a de querer encontrar senões no infatigável apaixonado da bibliografia, cuja prodiga produção corre o País. Queremos frisar a circunstancia acima: dificuldade de encontrar elementos para estudar o assunto, porque ele escreve para quem já o conhece, daí o não ter interessado os nossos estudiosos.

Da sua crítica inferimos, lendo a citação de tantos autores desconhecidos, que somente acertaram, afirmando que Daper é tradução de Montanus: Tröemel e Vale Cabral.

Quanto a R. R. Schüler, (4) diz que Daper e Montanus são uma só pessoa.

Pesquisas ulteriores feitas por Ch. M. Douzy, citado na revista do I. A. de P. estabelecem diferença entre os dois supostos autores: Arnaldus Montanus era engenheiro e O. Daper, médico.

Pela leitura do estudo de A. de Carvalho se vem a saber que

---

(3) A de Carvalho, *Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco* n. 77 — página 349 e *Biblioteca Exótico Brasileira,* vl. 11, — págs. 10|11.

(4) Foi diretor da Biblioteca de Santiago do Chile e publicou em 1907 um opúsculo intitulado — *Novus Orbis? Montanus ou Daper?*. Vide A. de Carvalho, ***obra acima citada.***

o título do livro em alemão, assim como o texto, é o mesmo do livro em holandês :

> "O novo e desconhecido Mundo, ou descrição da América Austral, contendo a origem das Américas e dos australianos: memoráveis viagens para ali; situação das costas continentais, ilhas, cidades, praças, fortes, aldeias, templos, montanhas, fontes, rios, casas, especies de animais, árvores, plantas, hervas extranhas, religiões e costumes, acontecimentos maravilhosos, antigas e modernas guerras.
>
> Ornada com desenhos feitos do natural, na América, e descrita por Arnaldus Montanus. 54 gravuras e mapas, Jacob van Meurs — 1671 —. (5)

O que complica a situação, que nem um dos estudiosos atinou, foi com dois *Privilégios* publicados na Holanda, em 1670, concedendo direitos de publicação a Arnaldus Montanus e a O. Daper.

A edição que primeiro apareceu foi de Montanus, seguindo-se a de Olgiby, (6) inglesa.

Deante, pois, da nova disposição, devemos dizer, agora, são

---

(5) Netscher, *obra citada* — *Brasiliana* — n. 220 — pág. 23 diz :

> (O novo mundo desconhecido ou descrição da América e das terras do sul) por Arnaldus Montanus — Amsterdam 1671 — in folio —. Essa obra, de uma excelente feição, é dedicada ao conde João Maurício de Nassau, e contém uma descrição exacta dos habitantes da região e da história dessa parte do mundo.
>
> As guerras do Brasil são ali apreciadas minuciosamente : apenas há *a notar que até* 1636 o autor se atém principalmente ao trabalho de Laet, e após a partida de Nassau sua narrativa se torna pouco clara e falha de ordem cronológica.
>
> O livro é magnificamente ilustrado, traz um dos melhores retratos do Conde João Maurício."

Embora não tenhamos provas, suspeitamos que o padre Manuel de Morais continuou a sua *História da América* até a data da saída de Maurício de Nassau. Tudo isso é provável, porque a rebelião de Fernandes Vieira foi depois da partida deste.

(6) João Estanislau Olgiby, escritor escossês, nasceu em Edinburgo em 1600 e faleceu em Londres em 1676. Começou como mestre de danças,

três os supostos autores apresentados: Montanus, da holandesa; Olgiby, da inglesa, e Daper da alemã. Essa ordem é nossa, para poder explicar melhor, porque a citação da francesa de 1671 é imprecisa.

A parte contida nesses livros, no que faz referência ao México e ao Peru, é tradução da obra em latim de Barléus, de 1647. (7)

Estamos enfrentando um problema insolúvel, pelo menos na aparência, quando surge Niemeyer, (8) estudioso do assunto, dizendo ter havido uma edição em francês intitulada: *Le nouveau monde inconu ou descrition de L'Amerique, e de la terre australe des holandais. Amsterdam Jacob van Meurs.*"

A informação é vaga, ou por pobreza da fonte onde se abeberou, ou pelo prazer de deixar sem solução um caso dessa natureza.

E' mais fácil, se Niemeyer é alemão, que não tenha dado fim à controvérsia para que a dúvida permanecesse: o livro alemão, apesar de publicado depois do holandês, é o original. O holandês, embora publicado antes, é a tradução. Niemeyer citando os dizeres em francês do título da obra, segundo praxe dos bibliófilos, deveria registrar o seguinte, que falta na sua informação:

> "tradution du Holandais. Amsterdam — Jacob van Meurs — 1671."

É que ele não quis nomear a maravilhosa fonte francesa de

---

adquirindo a protecção do Conde de Staford, que o levou a abrir um teatro em Dublin. Arruinado com o movimento de 1641, retirou-se para Cambridge. Traduziu em versos as obras de Virgílio (1649), as Fábulas de Esopo (1651), a Ilíada e a Odisseia (1660|1665), que o tornaram conhecido. Fundou ao mesmo tempo em Londres uma impressora, de onde saíram belas edições.

Tomou parte considerável na organização das festas da coroação de Carlos 11, que lhe outorgou cartas patentes como comissário geral dos espetáculos da Irlanda. Novamente arruinado pelo incêndio de sua casa em Londres, consolidou sua fortuna com o recurso de sua abundante produção literária. *Vide Enc. e Dic. Internacional* vol. Xlv pág. 8067.

(7) *Revista do Inst. Arq. de Pern.* vol. 77.

(8) *Idem.*

bibiliografia, na qual, pondo de parte a nota dos autores, encontramos no verbete Daper (Olfert) o seguinte: (9)

> "Le nouveau Monde inconu ou descrition de L'Amerique et de la Terra Australe, tradution du Holandais.
> Amsterdam — Jacob Meurs — 1671."

Logo depois vem uma extemporanea nota em francês dos autores:

> "Esta tradução francesa de um livro sobre a América, do médico Daper, é a obra mais procurada, por ser o livro mais raro que traz o nome de Daper"

Sendo a edição holandesa de 1671 da autoria de Arnaldus Montanus, não há dúvida nenhuma que Daper a traduziu para o francês, sendo publicada por Meurs em 1671. Quem faz esta afirmativa não são os autores do Dicionário Bibliográfico assinalado. E' o próprio editor Jacob Meurs, em 1671, nos dizeres que completam a página de rosto do livro editado na língua de Voltaire.

Os livreiros Deschamps e Brunet foram honestos transcrevendo os dizeres do livro com todos os pormenores, para identificação. Complicaram, entretanto, o caso, ao afirmarem que era obra do médico Daper, por desconhecerem a edição holandesa.

Sòmente a tradução é de Daper, uma vez que, como já dissemos, a holandesa é de Montanus.

A nota dos livreiros atribuindo a Daper o original holandês criou um novo elemento para complicar a situação.

Desconhecendo naquela época que Montanus era o mesmo livro, o mesmo texto, embora em holandês, ou desconhecendo Montanus, não vacilaram em afirmar ser do médico Olfert Daper a obra original.

Com o desenvolver dos estudos sobre o palpitante tema,

---

(9) *Manuel du Libraire* — de l'Amateur de livres — suplement — pour M. M. D. Deschamps e G. Brunet — Libr. Firmin Didot & Cie. Paris 1878, vol. 1.° (de suplemento) letras A. M. — pág. 347.

leitura e comparação, pelo menos da folha de rosto, os pesquisadores descobriram certas particularidades da obra discutida.

E assim como a falta ou má fé, ou mesmo o costume de Jacob van Meurs, contribuiram para o engano de Deschamps e Brunet, eles mesmos, pela sua lealdade, transcrevendo *in totum* os dizeres da página de rosto, data, editores, e de que língua era traduzido, contribuiram para esclarecimento da autoria do mesmo, o que ora tentamos com o nosso deficiente material.

Podemos resumir nossas conclusões :

1) O original é holandês porque a obra francesa da mesma data (1671) o afirma.

2) O autor holandês em 1671 é Arnaldus Montanus. Netscher viu um exemplar da obra,e cita-a.

3) O médico Olfert é apenas o tradutor. Na raríssima edição francesa, segundo afirmam os livreiros Deschamps e Brunet, está escrito que a mesma é tradução do holandês.

4) Havendo uma edição inglesa de 1671, e sabendo nós pela biografia desse livreiro que ele era tradutor, chegamos a conclusão: a de Olgiby é também tradução da obra de Montanus. Aqui nos escasseiam elementos de prova, porque não conhecemos os dizeres da edição inglesa, nem encontramos referência nas enciclopedias que compulsamos.

5) A edição alemã (é o livro que se encontra em Paraíba) somente apareceu em 1673. Portanto, Daper não só traduziu para o francês como tambem para o alemão, mas nesse último idioma só foi publicada dois anos depois, donde se conclui que o Privilégio que ele teve foi para a tradução francesa, que de facto apareceu em 1671.

6) E' natural que houvesse dois privilégios em 1670, porque em Suas Altas Potências os Estados Gerais (países da Reforma) falava-se tanto o holandês como o francês

Quando La Ravardiere, o conquistador francês do Maranhão, precisou tratar pessoalmente das pazes com os portugueses, escreveu a Jerónimo de Albuquerque Maranhão, pedindo que mandasse o Sargento-mor Diogo Soares Moreno, que, "por ter estado nas guerras da Flandres falava bem o francês", e se entenderiam melhor.

Um Privilégio para a obra em francês; outro para a obra

em holandês. O fato do livro alemão conter o Privilégio faz lobrigar um mistifório do editor, porque, admitamos, não resta dúvida que o mesmo era para a edição francesa.

7) O original holandês é de autoria de Arnaldus Montanus, engenheiro, e foi publicado em 1671; a tradução francesa de 1671 é de O. Daper, médico; a tradução inglesa, de 1671, é de Olgiby, tradutor e editor inglês; a tradução alemã de 1673 é de O. Daper, médico.

Há um aspecto da questão em apreço, uma vez que não temos mais dúvidas sobre o que concluimos, que não foi tratado por nenhum dos que a estudaram. Essa feliz lembrança, que ora nos acode, tem sua origem na mesma obra de Taunay, onde este traça, em pinceladas de mestre e pesquisador, a biografia do Padre Manuel de Morais.

O jesuíta era natural de S. Paulo. Exercia sua missão junto aos índios de Pernambuco. Foi o mentor de Camarão, na paz e na guerra.

Em 1635 é preso no Rio Grande do Norte pelos flamengos.

Levado a Holanda, abraça o Calvinismo, constitui família, presta serviços à Cia. das Indias Ocidentais, priva com os diretores da mesma, dedica-se à *História da América,* á língua tupi-guarani, escreve memórias, dá informes de grande valía aos seus protetores, que lhe prometem grandes somas em dinheiro, e por fim, ei-lo de novo no Brasil.

E' um santo. Em toda parte encontra perdão o homem que, conluiado com o capitão-mor da Paraíba, Duarte Gomes da Silveira, queria entregar Matias de Albuquerque aos holandeses.

Na batalha dos Guararapes, olhos marejados de lágrimas, sai com o cruxifixo a exortar os soldados, o que comove Fernandes Vieira, conforme o testemunho do cronista *Diogo Lopes Santiago,* contemporâneo.

Quando foi para a Holanda levou consigo a *História da América* (do Brasil) de sua autoria, contendo a descrição da guerra até 1636.

Esteve nas mãos reais dos *Elzevires,* atestado por documento autêntico, que citaremos adiante. Eduardo Prado, descendente de Manuel de Morais, reuniu copioso material biográfico sobre o Padre, mas afirma que a *História da América* fora perdida.

Entretanto Hugo Grotius, de que tanto nos fala Jean Jaques Rousseau, no *Contrato Social,* fez acusação contra *Joanes de Laet,* (10) o mais seguro dos historiadores da ocupação holandesa.

Afirmara Grotius, em carta a Laet, que este plagiara o Padre Manuel de Morais, copiára seu livro *História da América.*

Laet respondeu a acusação com a carta abaixo :

"Ignoro quem de tal cousa te persuadiu mas provarei facilmente ser isso falso. Quando Manuel de Morais aqui chegou do Brasil, onde sempre vivera, vendo eu que ele era muito conhecedor daquelas províncias, dei-lhe os meus livros sobre a América e pedi-lhe que observasse qualquer engano na parte que extraí dos autores, e aos quais me referi, mostrasse-mo francamente, e eu emendaria na segunda edição, mencionando honrosamente o seu nome.

Fez o que lhe pedi, quanto ao livro que trata do Brasil (pois não conheço os demais países da América) e apresentou alguns erros: versam na sua maior parte sobre ortografia e vocábulos brasileiros e da descrição de um ou outro animal ou planta.

Tenho o seu autógrafo, pelo qual posso provar ser verdade o que digo, e também já aprontei as emendas destinadas para o apêndice, no qual indicarei os pontos onde adquiri melhores informações, pois desejo sempre colher conhecimentos e transmití-los aos outros.

Mais que tudo é contrário á verdade o que dizes sobre haverem-lhe impedido a publicação do seu trabalho: desejaria saber por quem e para quê ? Realmente, não foi por mim, nem por outro qualquer que eu saiba. Pelo contrário, lembro-me haver persuadido aos nossos Elzevires para que publicassem a sua História e já o teriam feito se estivesse completa, mas é facto que levou consigo para o Brasil para concluí-la.

Não havia motivo algum para que eu impedisse ou tratasse de impedir a publicação; pois ainda que se encontrasse nos

(10) Laet foi presidente da Cia. das Indias Ocidentais.

meus livros número dez vezes maior de erros, daí não me poderia vir a ignomínia ou desgosto visto ter dado os nomes dos autores citados.

Mas nem podia receiar que ele fosse injusto ou falto de moderação para comigo, porque me devia inúmeros benefícios.

Entretanto não ignoro haver ainda muitos erros naqueles livros, certamente não são meus, mas de outros, e passaram por descuido; desses já corrigi muitos e vou diáriamente corrigindo.

Certamente não cesso de, sempre que se encontre um erro deve-se reconhece-lo e corrigí-lo; e se fosses da mesma opinião não estarias últimamente prejudicando a tua autoridade, defendendo tantos erros."

Já vai longe este trabalho e desejamos terminá-lo, desde que temos elementos primordiais ou provas para a conclusão que desejamos. Por isso, resumimos aqui as nossas afirmativas:

1) O jesuíta Manuel de Morais escreveu uma História da América (do Brasil) contendo a Guerra Holandesa até 1636, o que coincide com a data da sua partida para a Holanda;

2) Laet foi acusado de plagiar a História da América (do Brasil) do Padre Manuel de Morais, e de impedir a sua publicação. Quem o acusou foi um homem de projeção universal: Hugo Grotius;

3) A obra de Montanus, de 1671, vem somente até 1636, o que os tradutores não citam, ou por negligência, ou por falta de indicação indispensável na fonte, mas Netscher, que compulsou os arquivos holandeses, afirma :

"Arnaldus Montanus — o novo orbis desconhecido ou descrição da America e das terras do sul. 1671. Dedicada a Nassau. Até 1636. Retrato de Nassau. (11)

Das mãos dos livreiros Elzevires, a quem quiseram imputar a *Arte de Furtar*, com evidente má fé, pois puzeram Elvezir em lugar de Elzevir, voltou ás mãos de Manuel de Morais, mais daí retornou à Holanda, ou foi tirada cópia durante a sua longa permanência nos Países-Baixos.

(11) Afonso Taunay — *Escritores Coloniais* — pág. 286.

Entre o término da ocupação holandesa de vinte e quatro anos e a impressão da obra, 1654 a 1671, decorreram dezesete anos...

Não possuimos dados muito seguros, mas nos parece que o Padre Manuel de Morais morreu em 1651, portanto, vinte anos antes de se apropriarem da sua vastíssima documentação...

— — —

Razão de sobra têm os estudiosos de outros países, quando pedem que se enumere com todos os pormenores as características de uma documentação que foi citada, afim de identificá-la.

Neste trabalho temos a prova mais evidente dessa imprescindível necessidade: Se Niemeyer se tivesse reportado de sã conciência a tudo o que leu a respeito da edição francesa da obra discutida o mistério Montanus e Daper já teria sido decifrado há largos anos.

O mesmo dizemos com referência ao Padre Manuel de Morais: se Alfredo de Carvalho, ou outros onde ele se reportou, traduzissem palavra por palavra o que se contém na capa de rosto do livro, afimando que a descrição da guerra vai somente até 1636, outros, com mais elementos, e em melhores condições, poderiam ver que a coincidência não deixa margem de dúvida, corroborada por uma suspeita que é um testemunho para a posteridade, embora o plágio não seja feito por Laet.

Os elementos que contribuiram para essa dúvida bibliográfica foram:

1) os privilégios que antecederam á publicação.
2) a falta de identidade na edição alemã.
3) a raridade da edição francesa.
4) o erro involuntário dos bibliógrafos acrescentando uma nota sua.
5) a má fé do estudioso Niemeyer não transcrevendo os dizeres completos da edição francesa.
6) a falta voluntária ou involuntária de Alfredo de Carvalho e outros, não indicando como Netscher o período que abrangia a obra.
7) as erroneas interpretações que decorreram em consequência das faltas acima assinaladas.